

ACENTO FRASAL E PROCESSOS FONOLÓGICOS SEGMENTAIS

MARIA BERNADETE MARQUES ABAURRE
(Universidade Estadual de Campinas)

ABSTRACT

This paper analyses some cases of vowel reduction across word boundaries in Brazilian Portuguese. The main hypothesis is that phonological phrasal stress categorically blocks application of particular sandhi rules that affect vowels when stress falls on the second vowel of the sequence that constitutes the structural description for rule application. Current literature on stress phenomena, based on the so-called auto-segmental and metrical phonologies, deals with phonological phrasal stress in strictly phonological/prosodic terms, in the sense that it is viewed as a post-lexical parameter to be post-lexically set for utterances (End Rule). We argue that stress that indicates syntactic "prominence" in Brazilian Portuguese carries syntactic information about direction of embedding (as proposed in Cinque, 1993), and therefore must be preserved from the effects of sandhi rules that eliminate phonological material in its context.

Key-words: external vowel sandhi; prosodic hierarchy; lexical stress; phonological phrase stress; phonology-syntax interface.

Palavras-chave: sândi vocálico externo; hierarquia prosódica; acento lexical; acento de frase fonológica; interface fonologia-sintaxe.

0 – INTRODUÇÃO

Proponho-me, neste trabalho, discutir uma questão que diz respeito à natureza da interface fonologia/sintaxe, a partir da consideração de alguns dados ilustrativos do aparente "bloqueio" de processos de sândi vocálico, mais precisamente, de processos de *degeminação* e *elisão* de vogais, quando a segunda das vogais da seqüência relevante é portadora de acento.

A partir da hipótese de interface geralmente aceita (cf. Selkirk, 1984; Nespor & Vogel, 1986; Selkirk & Shen, 1990), segundo a qual o mapeamento fonologia/sintaxe é mediado pela estrutura prosódica dos enunciados, e baseando-me no trabalho de Bisol (1992) sobre o sândi vocálico no Português do Brasil, discuto a relação entre a ocorrência desses fenômenos de sândi e o acento principal de frase fonológica, tomando por hipótese que essa é uma proeminência sintaticamente motivada.

1 – O FENÔMENO DE SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Ao descrever o sândi externo envolvendo seqüências de duas vogais idênticas (*degeminação*) ou diferentes (*elisão*) no Português do Brasil, Bisol (1994) vincula as ocorrências de sândi ao choque de picos silábicos e menciona que o processo geral, na língua, é conduzido pela ressilabação, com resultados governados por princípios fonológicos universais de boa-formação como Seqüenciamento de Sonoridade, Licenciamento Prosódico, Contorno Obrigatório, e pela Regra Universal de apagamento de elemento Extraviado. Em trabalho anterior (1992), faz também várias referências a restrições quanto à ocorrência dos processos de degeminação e elisão, motivadas pelo fato de a segunda das vogais na descrição estrutural ser portadora de acento *primário* (atribuído no componente lexical).

Com relação à restrição sobre a degeminação (DG), diz a autora:

DG não ocorre se ambas as vogais são acentuadas (Está álto) ou se a segunda leva acento (Menina álta). (...) Não há nenhum caso de degeminação quando a primeira vogal da segunda palavra porta o acento primário a não ser que esse acento venha a ser enfraquecido por razões prosódicas ou rítmicas. (...) Uma segunda V com acento pode ficar sensível ao processo se esse acento for perdido ou convertido em secundário por extensão da unidade prosódica. Assim de *como uva* (kómu úva) não se faz *[komúva], mas *como uva madura* pode manifestar degeminação [komúva madúra] ~ [kômuva madúra]. Neste caso o acento principal recai sobre a última sílaba, convertendo-se em secundário ou desaparecendo o que incide na sílaba mu. O que inibe a regra é, de fato, uma vogal com acento primário (ênfase minha). (1992, p. 87).

Com relação à elisão, conclui:

(...) o impecilho é o acento da segunda vogal, pois a vogal elidida é sempre átona e fica à esquerda. Na verdade, os exemplos (*Ela tócorão, *cômodóca) estão apontando para o fato de que a vogal acentuada seguinte faz obstáculos à elisão, restrição essa que encontramos também na degeminação, levando-nos a considerá-la como um requisito da regra de ressilabação que dá início aos processos de sândi em estudo (p. 96).

Na análise de Bisol, o próprio efeito "bloqueador" exercido pelo acento da segunda vogal da seqüência que é candidata à elisão é inscrito na regra geral de ressilabificação (dada à página 96 do seu texto de 1992), sob a forma de uma condição:

Ressilabificação:

Condição: não incidir sobre a segunda vogal o acento primário
Domínio: unidade prosódica maior do que a palavra fonológica

A descrição minuciosa, fornecida pela autora, dos vários contextos onde pode ocorrer o sândi externo, na língua, bem como a análise bem fundamentada nos pressupostos teóricos e nos princípios de boa-formação das fonologias auto-segmental e prosódica, constituem excelente exemplo dos recursos explicativos das chamadas fonologias não-lineares para fenômenos cuja motivação e generalidade escapavam aos modelos fonológicos de base linear (estruturalistas ou representativos da fonologia gerativa padrão).

Por tratar-se de uma excelente análise no âmbito do modelo teórico assumido, o trabalho de Bisol abre espaço para uma discussão interessante sobre a questão da interface fonologia/sintaxe, sobre a natureza mesma da proeminência que aparentemente "bloqueia" algumas ocorrências de sândi externo em português do Brasil (PB), e sobre a direcionalidade do processo de "construção" das próprias estruturas fonológicas (*bottom-up* ou *top-down*). Passo, nas seções seguintes, a discutir brevemente essas questões.

2 – O BLOQUEIO DO SÂNDI VOCÁLICO EXTERNO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Dados os objetivos deste texto, não pretendo ocupar-me, aqui, dos casos em que a tendência geral é a de *ocorrência* da degeminação e da elisão de vogais (e fala-se de *tendência*, uma vez que trata-se, no caso, de processos não categóricos, de implementação gradiente, condicionados, dentre outros fatores lingüísticos e extra-lingüísticos, pela qualidade das vogais envolvidas e pelo estilo/velocidade de fala). Para uma descrição acurada dos casos de *ocorrência* dos processos em questão, cf. Bisol, (1992, 1994).

Importa considerar, para a questão que pretendo aqui focalizar, apenas os casos de *bloqueio categórico* desses processos. Em função desse objetivo, apresento, abaixo, apenas as informações fundamentais sobre as condições que possibilitam a ocorrência dos processos de sândi em questão, para, a seguir, discutir os dados referentes ao bloqueio da degeminação e da elisão.

Quando ocorre a elisão, a primeira de duas qualidades vocálicas *diferentes* é apagada, em PB, sob certas condições estruturais (as duas vogais não podem, *ambas*, ser portadoras de acento primário no nível da palavra; a *primeira* vogal deve ser não-acentuada no nível da palavra; há restrições ao apagamento condicionadas pela qualidade das vogais da seqüência). Existe, no entanto, um ambiente particular que determina o bloqueio categórico da elisão vocálica em PB, *mesmo quando satisfeitas as condições estruturais acima mencionadas*, conforme se pode depreender dos exemplos em (1), abaixo:

- a. [a+ú] Ele cômpr[a] [ú]vas cáras – Ele cômpr[u]vas cáras – *Ele cômpr[ú]vas
- b. [a+ó] Ele cômpr[a] [ó]stras cáras – Ele cômpr[o]stras cáras – *Ele cômpr[ó]stras
- c. [a+ɔ] Ele cômpr[a] [ɔ]vos frêscos – Ele cômpr[ɔ]vos frêscos – *Ele cômpr[ɔ]vos
- d. [a+i] Ele cánt[a] h[i]nos sácos – Ele cánt[i]nos sácos – *Ele cant[i]nos
- e. [a+é] Ele cômpr[a] [é]sse livro – Ele cômpr[e]sse livro – *Ele cômpr[é]sse
- f. [a+ɛ] Ele cômpr[a] [ɛ]ssa cása – Ele cômpr[ɛ]ssa cása – *Ele cômpr[ɛ]ssa
- g. [i+ú] Ele côm[i] [ú]vas cáras – *Ele côm[u]vas cáras – *Ele com[ú]vas
- h. [i+ó] Ele côm[i] [ó]stras cáras – *Ele côm[o]stras cáras – *Ele com[ó]stras
- i. [i+ɔ] Ele côm[i] [ɔ]vos cáros – *Ele côm[ɔ]vos cáros – *Ele com[ɔ]vos
- j. [i+é] Côm[i] [é]sse pão! – Côm[e]sse pão! – *Com[ɛ]sse!
- k. [i+ɛ] Côm[i] [ɛ]ssa banána! – Côm[ɛ]ssa banána! – *Com[ɛ]ssa!
- l. [i+á] Ele béb[i] [á]gua tônica – *Ele béb[a]gua tônica – *Ele beb[á]gua
- m. [u+ó] Eu côm[u] [ó]stras cáras – Eu côm[o]stras cáras – *Eu com[ó]stras
- n. [u+ɔ] Eu côm[u] [ɔ]vos frêscos – Eu côm[ɔ]vos frêscos – *Eu com[ɔ]vos
- o. [u+i] Eu cánt[u] h[i]nos sácos – Eu cánt[i]nos sácos – *Eu cant[i]nos
- p. [u+é] Eu cômpr[u] [é]sse livro – Eu cômpr[e]sse livro – *Eu cômpr[é]sse
- q. [u+ɛ] Eu cômpr[u] [ɛ]ssa cása – Eu cômpr[ɛ]ssa cása – *Eu cômpr[ɛ]ssa
- r. [u+á] Eu béb[u] [á]gua tônica – Eu béb[a]gua tônica – *Eu beb[á]gua

Observe-se que, com exceção dos exemplos (lg, h, i, l), em que a elisão nunca ocorre em consequência da restrição imposta sobre a qualidade das vogais da seqüência (a vogal anterior [i] não é elidida antes das vogais posteriores [u, o, ɔ, a]; nesse contexto, aplica-se o processo mais ge-

ral de ditongação), em todos os outros exemplos a elisão aplica-se variavelmente, na língua, havendo forte tendência para implementação no estilo casual rápido, particularmente se a segunda vogal da seqüência não for portadora de acento de palavra, como em *menin[a] [i]squisita*, → *menin[i]squisita*.

Quando ocorre a degeminação, a primeira de duas vogais *idênticas* é apagada sob certas condições (as duas vogais não podem, *ambas*, ser portadoras de acento primário de palavra; a *primeira* das duas vogais deve ser não-acentuada, no nível da palavra). Existe, no entanto, um ambiente particular que determina o bloqueio categórico da degeminação vocálica em PB, *mesmo quando satisfeitas as condições estruturais acima mencionadas*, conforme se pode depreender dos exemplos em (2), abaixo:

- (2) a. [i+i] Ele béb[i] [i]sso sêmpre – Ele béb[i]sso sêmpre – *Ele béb[i]sso
- b. [u+ú] Eu cômpr[u] [ú]vas sempre- Eu cômpr[u]vas sempre – *Eu cômpr[ú]vas
- c. [a+á] Ele plánt[a] [á]rvores áltas – Ele plánt[a]rvores áltas – *Ele plant[á]rvores

Os exemplos elencados em (2), acima, mostram que o ambiente específico no qual há *bloqueio categórico* da elisão vocálica é exatamente o mesmo que bloqueia categoricamente a elisão nos exemplos de (1): *quando a segunda vogal da seqüência é portadora de acento nuclear no nível da frase fonológica*.

A observação desses fatos indica que a análise de Bisol relativa aos casos de bloqueio da elisão e da degeminação em PB, embora descritivamente adequada e perfeitamente coerente com a direção *bottom-up* de atribuição de acento e construção da grade métrica por ela assumida, não parece realmente explicar por que a elisão e a degeminação tornam-se possíveis quando o acento primário de palavra é, em suas palavras, "enfraquecido por razões prosódicas ou rítmicas". Na verdade, a explicação para os dados em que ocorre o bloqueio categórico desses processos pressupõe uma discussão relativa à interface fonologia/sintaxe, em PB, como se verá na seção seguinte.

3 – ACENTO DE FRASE FONOLÓGICA E A INTERFACE FONOLOGIA/SINTAXE

Observando os dados apresentados, nota-se que o bloqueio da degeminação e da elisão parece na verdade ocorrer não em decorrência do fato de que a segunda vogal da seqüência recebe *acento de palavra* – note-se,

aliás, que é absolutamente *correto*, do ponto de vista descritivo, afirmar que essa vogal é portadora de acento primário, assumindo-se que na construção *bottom-up* da pauta acentual ela de fato recebe o acento primário de palavra –; o bloqueio a esses processos ocorre quando esse acento primário de palavra, atribuído no componente lexical, é também interpretado, pós-lexicalmente, como *acento frasal*, *portador de informação sintática*, dentro de uma hierarquia de proeminências prosódicas sintaticamente motivada, conforme se pode depreender da definição do domínio prosódico identificado por Nespor & Vogel (1986) como *Frase Fonológica* (φ):

(3) Formação de Frase Fonológica (φ)

I. Domínio de φ

O domínio de φ consiste de um C (grupo clítico) que contém uma cabeça lexical (X) e todos os C's no seu lado não-recursivo até o C que contém outra cabeça fora da projeção máxima de X.

II. Construção de φ

Reúna em uma φ n-ária todos os C's incluídos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de φ .

III. Proeminência relativa de φ

Em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à direita, o nóculo de φ mais à direita é rotulado como *forte*; em línguas cujas árvores sintáticas ramificam-se à esquerda, o nóculo de φ mais à esquerda é rotulado como *forte*. Todos os nóculos irmãos de *forte* são rotulados de *fracos*.

Note-se que a proeminência relativa de *frase fonológica* (φ), atribuída como em (3.III), acima, sinaliza a direção da recursividade sintática nas línguas naturais, o que é, por definição, um parâmetro *sintático*. O português, como se sabe, é uma língua de recursividade sintática à direita, o que se reflete, nas árvores sintáticas, nos chamados encaixamentos à direita (cf. Cinque, 1993).

Nespor (1994) menciona experimentos cujos resultados parecem indicar a sensibilidade de crianças a partir de nove meses para perceber a maior intensidade e duração que costumam ocorrer como correlatos fonéticos do acento frasal, de motivação sintática. Com base nesses resultados experimentais, propõe que essa percepção abra caminho, no processo de aquisição da linguagem, para o correto estabelecimento, por parte das crianças, dos parâmetros sintáticos "direcionalidade da cabeça de constituinte sintático" e "direcionalidade da recursividade", uma vez que esses parâmetros sintáticos parecem ser prosodicamente sinalizados, nas línguas naturais. Dados de aquisição da linguagem podem vir a confirmar, assim,

a saliência prosódico-sintática do acento de frase fonológica e sua relevância no estabelecimento da interface entre os módulos fonológico e sintático. Isso reforça, por sua vez, a hipótese aqui formulada segundo a qual a implementação de processos fonológicos como o sândi externo no Português do Brasil pode ser (em parte) regulada pelo acento frasal.

Ainda sobre a natureza não puramente fonológica do acento frasal, diz Hayes (1991):

A atribuição de acento no nível frasal exibe *diferenças marcantes* com relação à atribuição do acento de palavra. Tipicamente, nesse estágio da derivação [pressupõe-se aqui a direcionalidade *bottom-up* da construção das estruturas fonológicas – MBMA], a estrutura métrica foi atribuída a todas as sílabas até o nível da palavra. Assim, o acento frasal somente implementa as duas operações seguintes [aqui Hayes cita Selkirk, 1984 – MBMA]: (1) – Atribuição de *contornos de proeminência relativa* às cadeias de palavras, baseada em *parentetizações* (e.g., informação sobre constituinte sintática, "compostos", "locuções"), *foco* e outros fatores; (2) – Ajuste, via movimento ou apagamento dos contornos resultantes de acordo com princípios rítmicos: e.g., "evitar *clashes* acentuais", "espaçar uniformemente os acentos".

Por fim, vale lembrar ainda que Selkirk (1984) vincula explicitamente os possíveis padrões de proeminência *rítmica* dos enunciados às suas propriedades *intonacionais*. Diz ela:

As 'escolhas' da gramática com respeito às propriedades intonacionais de um enunciado de fato *circunscrevem* o alcance dos padrões de proeminência rítmica possíveis no âmbito do enunciado, de tal forma que os últimos são determinados pelos primeiros (...). Os elementos tonais acentualmente relevantes (*pitch accents*) são atribuídos às palavras na estrutura superficial independentemente dos padrões de acento frasal, e os padrões frasais são *parcialmente* definidos como uma função da localização das palavras que, na sentença, são portadoras do *pitch accent*.

As considerações de Selkirk sobre a relação entre padrões acentuais e padrões intonacionais indicam, pois, que tanto a intensidade como o tom, enquanto correlatos fonéticos, podem definir o lugar da proeminência relativa de constituintes sintáticos, através de sua delimitação prosódica. Isso vem fortalecer a hipótese que aqui defendemos, segundo a qual essas proeminências relativas, pelo fato mesmo de serem portadoras de informação sobre a organização sintática dos enunciados, podem interferir na atuação de processos fonológicos como o sândi externo, bloqueando sua aplicação em certos contextos. Essa hipótese será mais bem desenvolvida na seção seguinte.

4 – A MOTIVAÇÃO SINTÁTICA PARA O BLOQUEIO DA DEGEMINAÇÃO E DA ELISÃO

Voltemos, agora, aos dados de (1) e (2), acima, representativos do bloqueio ao processo de degeminação e de elisão em português do Brasil. De acordo com o que se disse anteriormente, parece ser possível vincular o bloqueio desses fenômenos de sândi vocálico externo, na língua, ao fato de a segunda vogal da seqüência relevante ser, nesses casos, sistematicamente portadora de um acento lexical alçado pós-lexicalmente à condição de acento de frase fonológica (φ), condição essa que lhe confere estatuto prosódico singular, de proeminência sinalizadora de relações sintáticas como a direção do encaixamento, na língua.

Se considerarmos a relação estabelecida entre o output da rissilabificação resultante dos processos de sândi e as seqüências tomadas como input para esses processos, verificamos que, quando a segunda vogal da seqüência que constitui a descrição estrutural dos processos de sândi é portadora de acento de frase fonológica, estabelece-se um conflito de natureza teleológica. Esse conflito envolve, por um lado, princípios de boa-formação das seqüências fonológicas que manifestam-se através da *tendência à otimização da cadeia silábica* (que objetiva evitar as seqüências vocálicas rejeitadas pelo Princípio do Contorno Obrigatório, simplificando-as e fazendo com que as consoantes "soltas" ou "extraviadas" após a perda de um núcleo silábico ocupem o onset da sílaba seguinte); envolve ainda, por outro lado, a *tendência a preservar estrutura portadora de informação sintática relevante* (o que, por hipótese, prevê uma certa autonomia fonológica dos dois constituintes em questão, sem coalescência fonético-fonológica nas juntas).

Vale lembrar que já na década de 70, Stampe (1973), ao discutir as bases da chamada Fonologia Natural, estabelecia uma dicotomia entre processos fonológicos de *fortalecimento* e processos fonológicos de *enfraquecimento*. Os primeiros (ditongações, fortalecimento de consoantes, abertura de vogais, inserções de segmentos etc), por visarem à preservação e realce de estrutura fonológica, estariam centrados no eixo paradigmático e seriam, pelo realce das distinções que promoviam, processos favorecedores do ouvinte. Os segundos (monotongações, levantamento e centralização de vogais, vocalização de consoantes, processos de sândi vocálico e consonantal com conseqüente rissilabificação na pauta segmental), por visarem à transformação de estrutura fonológica, estariam centrados no eixo sintagmático e seriam, em decorrência da facilitação articulatória que por definição promovem, processos favorecedores do falante. No contexto da discussão que aqui fazemos, percebe-se que as tendências conflitantes mencionadas no parágrafo anterior dizem respeito à necessidade de optar entre uma *otimização da cadeia silábica* e a *preservação de estrutura por-*

tadora de informação sintática. Optar pela *otimização da estrutura silábica*, no plano estritamente fonológico, poderia ser interpretado, em termos stampeanos, como uma escolha favorecedora do falante, com a redução segmental e rissilabificação resultantes das degeminações e elisões vocálicas levando ao obscurecimento de distinções no plano paradigmático. Já a opção pela *preservação de estrutura portadora de informação sintática* pode ser interpretada como uma escolha favorecedora do ouvinte. No caso em questão, talvez um ouvinte muito particular – a criança que precisa "ancorar-se" em alguma saliência prosódica categórica sinalizadora de estrutura lingüística, no input, para fixar os parâmetros da gramática que deve construir – possa explicar a opção da própria língua por determinar um bloqueio categórico a reduções fonológicas como as promovidas pelos processos de sândi externo em contextos onde a saliência prosódica é portadora de informação sintática crucial como a direção da recursividade e do encaixamento sintático, na língua.

A conclusão a tirar, pois, a partir do exame dos dados considerados e a partir das reflexões acima, é a de que a tendência a preservar a estrutura portadora de informação sintática parece prevalecer, no caso dos processos de degeminação e elisão, sobre a tendência à otimização silábica no nível da frase fonológica.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu trabalho de 1992, Bisol não deixa de perceber (cf. sua nota 6) que o acento de frase fonológica pode estar de certa forma envolvido no "bloqueio" à degeminação e à elisão:

Embora aqui se esperasse a rejeição (no exemplo '... mastigava ervas todos os dias'), o exemplo mostra que há casos em que o enfraquecimento de um acento primário *a favor do mais forte à direita, que se torna o principal* [ênfase minha], abre caminho para a regra, tal como já foi observado na degeminação. (p. 96)

A análise feita pela autora para os casos em que há bloqueio é, no entanto, baseada na presença ou não do acento *primário* na segunda vogal da seqüência, pois é essa a informação introduzida como *condição* à aplicação da regra de rissilabificação anteriormente mencionada. A análise faz menção ao acento principal apenas quando há enfraquecimento do acento primário, a seu favor (ou seja, em casos em que a elisão e a degeminação são *permitidas*).

Propomos aqui que o fato relevante a ser formalizado nos casos considerados, de *bloqueio* à degeminação e à elisão, seja a ocorrência, no contexto segmental desses processos (mais precisamente, na segunda vogal da seqüência), de proeminência de nível hierarquicamente superior ao acento

lexical, i.e., de acento de frase fonológica. Propomos, portanto, que todos os casos de bloqueio como os considerados em (1) e (2), acima, sejam explicados por referência ao acento que marca a proeminência relativa da frase fonológica, uma vez que:

- os fenômenos em questão (processos de sândi externo) têm como domínio, dada uma hierarquia de constituintes prosódicos (cf. Nespor & Vogel 1986), a própria *frase fonológica*. É natural, portanto, que seja o acento desse mesmo nível prosódico aquele a bloquear – quando for o caso – a aplicação desses processos;
- tomar o acento de frase fonológica e não o acento primário de palavra como *bloqueador* dos processos de sândi externo aqui considerados permite melhor explicar as impossibilidades de implementar a otimização silábica, por referência ao que parece ser, nessas circunstâncias, prioritário em português do Brasil: a necessidade de preservar ao máximo os contextos estruturais portadores de informação sintática como a direção dos encaixamentos, na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. (1994). *O sândi e a ressilabação*. ms.
- _____. (1992). Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In: M. B. M. ABAURRE e L. WETZELS (orgs.) *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23: *Fonologia do Português*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP, p. 83-101.
- CINQUE, G. (1993). A null theory of phrase and compound stress. In: *Linguistic Inquiry*, 24(2), p. 239-297.
- HAYES, B. (1991). *Metrical Stress Theory: principles and case studies*. ms.
- NESPOR, M. (1994). Setting parameters at a prelexical stage. ms. A ser publicado em: *Anais do I Congresso Internacional de Lingüística da ABRALIN*.
- NESPOR, M. & I. VOGEL (1986). *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- SELKIRK, E. (1984). *Phonology and Syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- SELKIRK, E. & T. SHEN (1990). Prosodic domains in Shangai Chinese. In: S. INKELAS e D. ZEC (orgs.) *The Phonology-Syntax Connection*. Chicago: Chicago University Press.